

TEMA: O TRABALHADOR GOIANO

O Dia do Trabalho comemorado em 1º de maio, no Brasil e em vários países do mundo, é um feriado nacional dedicado a festas, manifestações, passeatas, exposições e eventos reivindicatórios. A História do Dia do Trabalho remonta o ano de 1886, na cidade de Chicago (Estados Unidos). No dia 1º de maio deste ano, milhares de trabalhadores foram às ruas reivindicar melhores condições de trabalho. No Brasil relata-se que a data é comemorada desde o ano de 1895, porém, somente em setembro de 1925 tornou-se oficial, após a criação de um decreto do então presidente Artur Bernardes.

Na segunda metade do século XX a população de Goiás experimentou de maneira acelerada o êxodo rural. A mecanização do campo e a implantação do modelo produtivo baseado na monocultura cessaram milhares de empregos no campo. Desde então, viu-se a dinâmica do mercado econômico alterar a natureza dos postos de trabalho. Com o crescimento das cidades e o aumento da urbanização todos os setores da economia sofreram profundas alterações e as atividades laborais deixaram de ser desenvolvidas no campo para ocupar predominantemente as áreas urbanas.

Goiás tem sido um dos principais geradores de empregos formais do país, reflexo dos sucessivos períodos de crescimento econômico que contribuíram para a expansão da formalidade no mercado de trabalho. O perfil do mercado de trabalho no estado reflete atualmente as mudanças iniciadas principalmente no final da década de 1990, em que se destacam o fortalecimento do setor industrial e sua maior integração ao setor agropecuário, e o crescimento do setor de serviços.

Este informe técnico faz uma breve caracterização do trabalhador goiano, especialmente ao dividi-lo por setor empregador. Ao fim do texto são apresentados alguns desafios a serem vencidos para que o trabalhador possa continuar ascendendo.

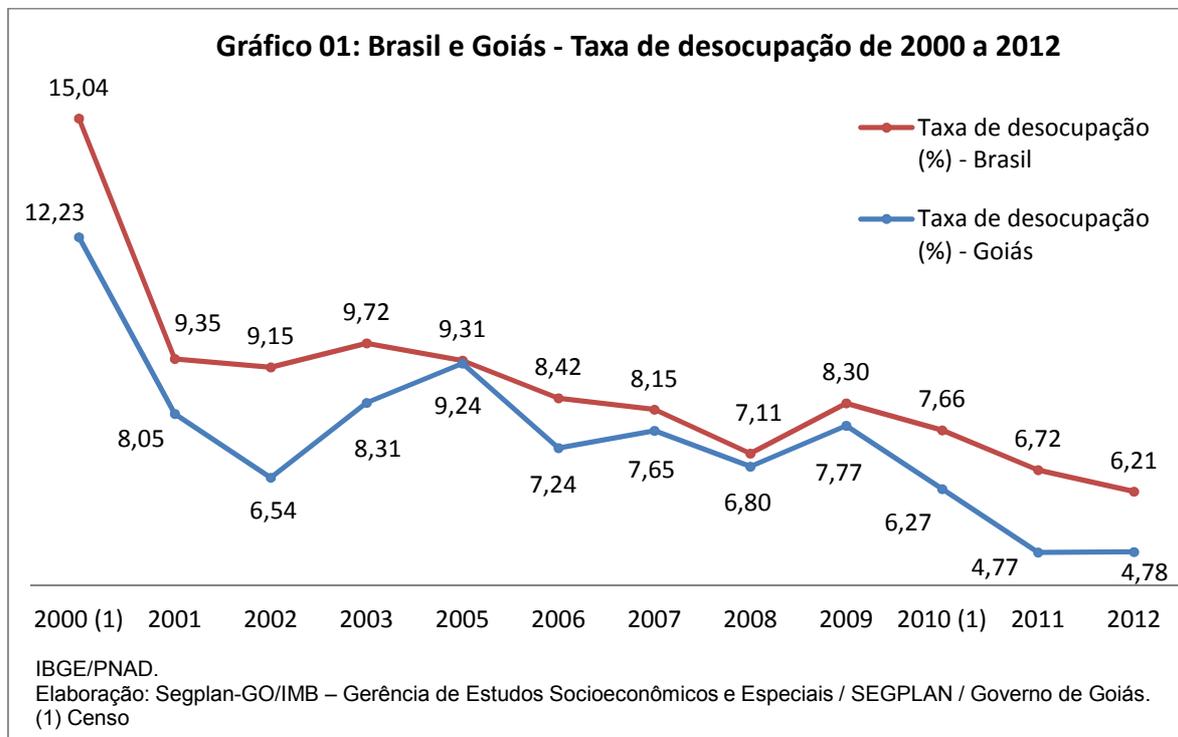
Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD – IBGE), em 2012 a população ocupada em Goiás era de 3,165 milhões de pessoas, ou 64,6% da população em idade ativa. No Brasil essa proporção é de 61,8% em 2012, com 93,915 milhões de pessoas ocupadas. Ressalta-se que em países europeus a população ocupada chega a superar a casa dos 70%.

De acordo com a PNAD a taxa de desocupação, que corresponde às pessoas não ocupadas e que estavam procurando trabalho em Goiás era de 4,78% no ano de 2012, enquanto que no Brasil essa taxa era de 6,21% (Gráfico 01). O contingente de desempregados no País passou de 6,6 milhões em 2011 para 6,2 milhões em 2012, uma queda de 7,2%. Desse total, em 2012, a maioria era mulher (57,8%), jovem de 18 a 24 anos (34,6%), negro (59,9%) e sem o ensino médio completo (53,1%).

A população mais jovem tem taxa de desocupação maior. Em Goiás, a população economicamente ativa na faixa etária de 15 a 17 anos e de 18 a 24 anos tem taxas de desocupação

TEMA: O TRABALHADOR GOIANO

de 18,6% e 9,9% respectivamente. No Brasil, as mesmas taxas são de 21,0% e 13,2% respectivamente.



O trabalhador goiano está entrando cada vez mais maduro no mercado de trabalho. Ao observar a Tabela 01 verifica-se que mais de 78,66% dos trabalhadores ativos em 2012 com idade igual ou superior a 65 anos começaram a trabalhar com menos de 15 anos de idade. Esse grupo que entrou no mundo do trabalho em idade escolar teve sua escolaridade comprometida detendo uma baixa qualificação profissional e, por conseguinte, alcançando menores rendimentos. No entanto, em 2009 este percentual era maior (84%), indicando que houve uma melhora neste sentido, os trabalhadores estão começando a trabalhar após os 15 anos de idade, comprometendo menos anos de estudo.

Em termos ideais, o jovem trabalhador deveria ser inserido no mercado de trabalho após a formação universitária ou no mínimo após a conclusão do Ensino Médio. Os dados já mostram que os grupos etários mais novos têm entrado no mundo do trabalho cada vez mais tarde – fator positivo. No grupo etário com idade igual ou superior a 65 anos mais de 36,82% iniciaram suas atividades laborais com menos de 10 anos, no grupo com idade entre 35 a 64 anos esse percentual cai para 15,47%, no grupo com idade compreendida entre 25 e 34 anos este índice atinge 6,68% e no grupo etário dos 16 a 24 anos tem-se que apenas 3,16% do grupo começaram a trabalhar com menos de 10 anos de idade.

TEMA: O TRABALHADOR GOIANO

Tabela 01: Faixa de idade que o trabalhador goiano começou a trabalhar por grupo etário – Goiás – 2012

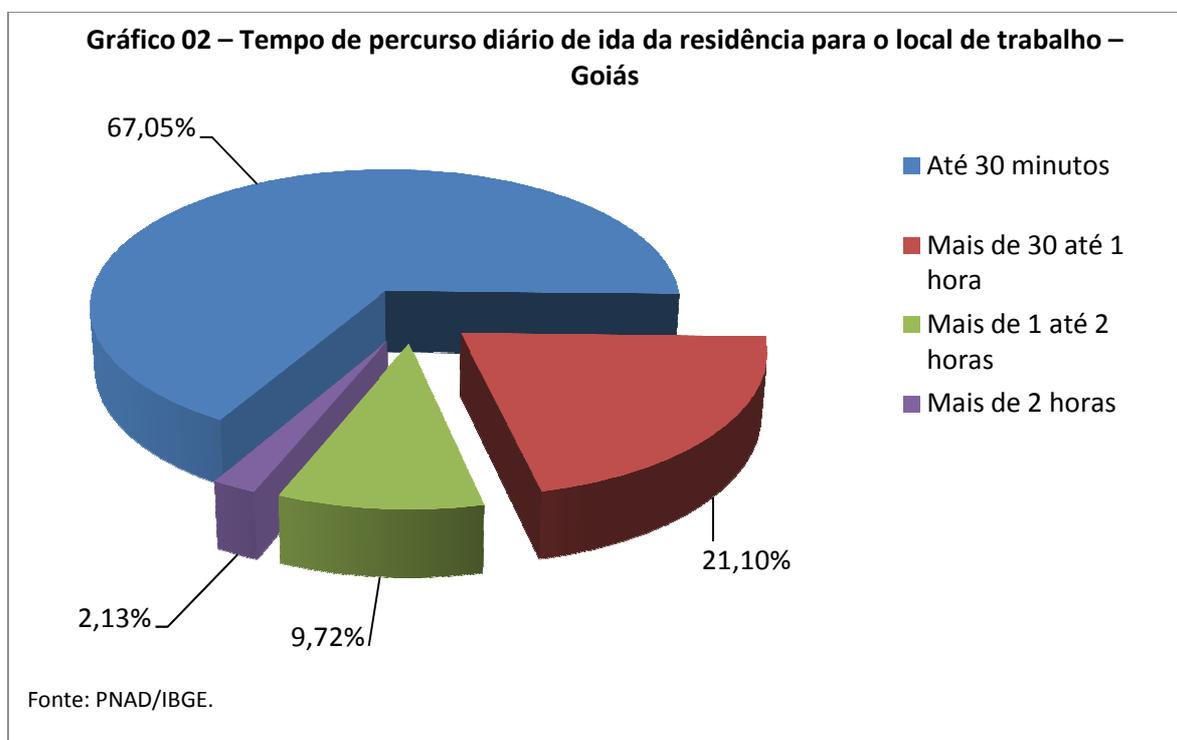
Ano de Referência	Faixa de idade em que começou a trabalhar	Grupo Etário Pesquisado			
		16 a 24 anos	25 a 34 anos	35 a 64 anos	65 anos ou mais
2012	Até 9 anos	3,16%	6,68%	15,47%	36,82%
	10 a 14 anos	26,69%	32,59%	41,95%	41,84%
	15 a 17 anos	45,17%	33,21%	25,54%	12,97%
	18 a 19 anos	19,33%	16,90%	9,44%	5,44%
	20 a 24 anos	5,65%	8,70%	4,93%	2,09%
	25 a 29 anos	0,00%	1,52%	1,07%	0,42%
	30 anos ou mais	0,00%	0,40%	1,60%	0,42%

Fonte: PNAD/IBGE.

Elaboração: Instituto Mauro Borges de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos / SEGPLAN / Governo de Goiás.

A adesão a sindicatos em Goiás é baixa. Apenas 9,83% da população empregada, em 2012, estão associados a algum sindicato. No Brasil este índice é superior a 16,19%.

Conforme apresentado no gráfico a seguir (Gráfico 02), para ir ao trabalho 67,05% dos goianos precisam de até 30 minutos para sair de casa e chegar ao local de trabalho. Ainda, de acordo com a PNAD, 21,10% dos trabalhadores goianos precisam de 30 minutos a 1 hora para chegar ao trabalho, pouco mais de 9,72% gasta entre 1(uma) e 2 (duas) horas para chegar ao posto de trabalho e apenas 2,13% precisa de mais de 2 horas para chegar ao emprego. Apesar do tempo de deslocamento ser ainda pequeno ele já é maior que a média nacional.



Se em meados do século passado a população ocupada estava concentrada no setor primário, agora esse setor absorve uma mínima parcela de trabalhadores. De acordo com a

TEMA: O TRABALHADOR GOIANO

Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) do Ministério do Trabalho e Emprego, em 2012, de todos os empregos formais do Estado de Goiás apenas 5,99% pertenciam ao setor agropecuário (que também inclui a extração mineral, a caça e a pesca). O setor agropecuário deteve em 2012 mais de 86 mil postos de trabalho, desde total, 83,66% foram preenchidos por homens. A média salarial do setor agropecuário foi em 2012 de R\$1.307,08 e a faixa etária mais empregada neste setor compreende os trabalhadores com idade entre 30 e 39 anos. A idade média do trabalhador no setor agropecuário é de 37,3 anos. Quanto ao tempo de permanência no emprego, o trabalhador agropecuário possui valor abaixo da média estadual, 33 meses na agropecuária contra 56 meses na média estadual geral.

O setor que mais emprega em Goiás é o setor de Serviços com 410.347 postos – o que representa 28,51% de todos os trabalhos formais em Goiás no ano de 2012. Neste setor há maior igualdade na ocupação das vagas entre homens (51,94%) e mulheres (48,06%). A média salarial no setor que mais emprega goianos é intermediária se comparada aos demais setores: R\$1.525,60. O tempo de emprego é abaixo da média estadual: são 43 meses de permanência média do empregado nos postos de trabalho do setor de serviços. A idade média do trabalhador é inferior à média estadual, de 34,8 anos.

Em 2012 a administração pública empregou 24,84% dos trabalhadores goianos (314.334 trabalhadores). Neste setor há hegemonia feminina na ocupação dos postos laborais (62,61% de mulheres contra 37,39% de homens). A média salarial da administração pública é a terceira maior do estado (R\$2.597,00) e a permanência no serviço é a segunda maior, o tempo médio do trabalhador era em 2012 de 128 meses (a média geral do trabalhador goiano é de 56 meses). A média de idade do trabalhador também é a segunda maior dentre todos os setores pesquisados: 42,5 anos.

O setor de comércio emprega aproximadamente 19,48% dos goianos formalmente ocupados sendo 280.552 homens (60,31%) e 98.722 mulheres (31,63%). A média salarial é a segunda mais baixa dentre os setores. O trabalhador recebe em média R\$ 1.402,35 pelos serviços prestados. Mais de 96% dos contratos celebrados no comércio são de 41 a 44 horas semanais. Entretanto, a menor média etária encontrada está neste setor, 31,3 anos. Mas o tempo de emprego é um dos menores (em média apenas 32 meses).

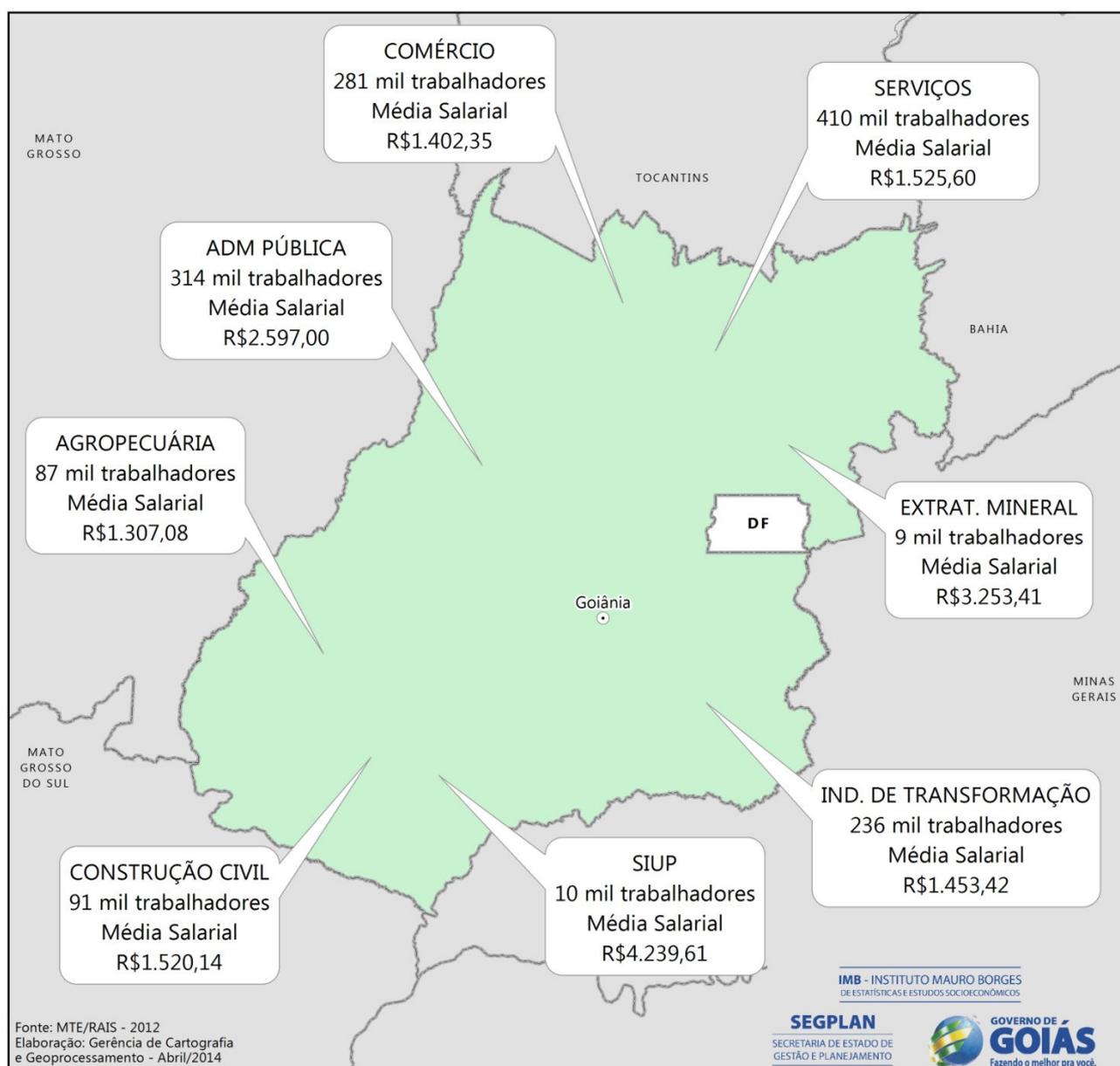
A indústria de transformação empregou em 2012 mais de 16% dos trabalhadores de Goiás. Do total de 236.483 postos de trabalhos ocupados a grande parte (68,37%) ficou com os homens. A média salarial no setor está abaixo do valor médio pago ao trabalhador goiano. Com um salário médio de R\$ 1.453,41 a indústria de transformação amarga um dos piores salários, perdendo apenas para o setor agropecuário e para o comércio. A média etária é de 32 anos e o tempo médio de emprego é de 32 meses.

O setor da construção civil representou 6,34% dos postos de trabalho formais. A participação feminina neste setor, de 8,11%, é a menor comparada aos demais setores. Assim,

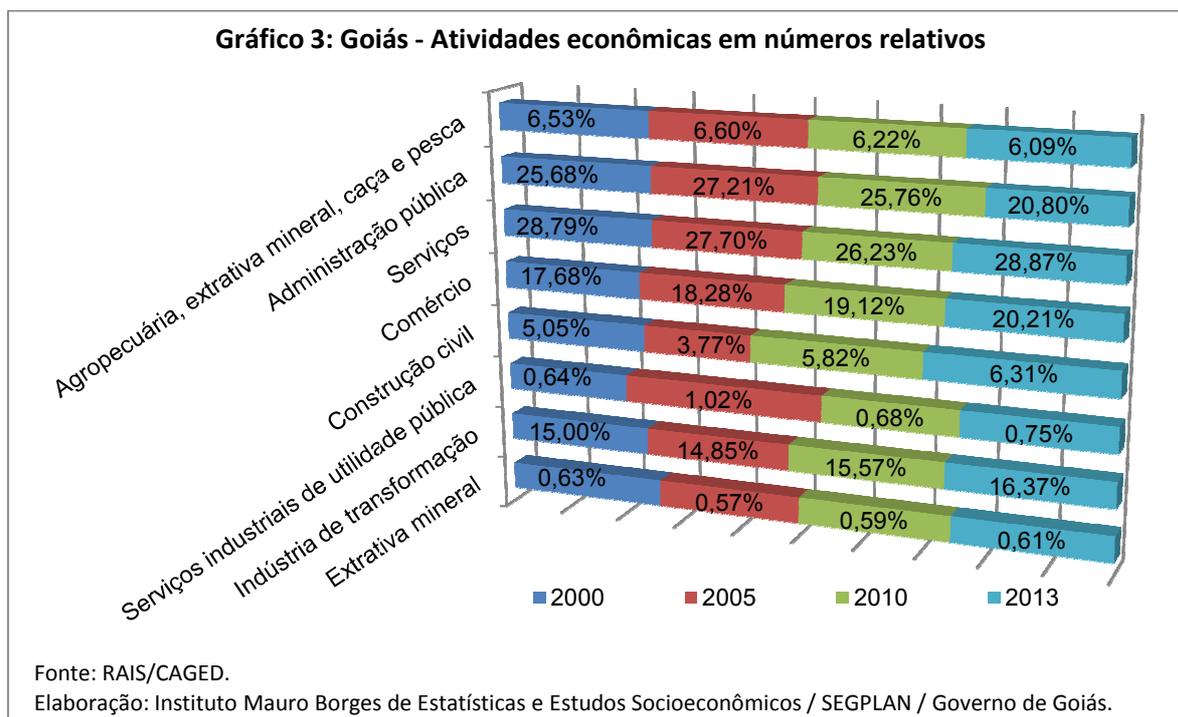
TEMA: O TRABALHADOR GOIANO

83.817 homens trabalhavam neste setor em 2012 contra 7.402 mulheres. A média salarial também é baixa, apesar do aumento nominal de aproximadamente 26% em relação ao ano de 2010 (R\$1.520,14 na construção civil contra R\$4.239,61 nos serviços industriais de utilidade pública). Quanto à idade, os trabalhadores apresentam em média 35,8 anos de idade e pouco mais de 17 meses de tempo de emprego – é a menor média de tempo de emprego dentre todos os setores.

Figura 01: Goiás - Quantidade de trabalhadores e salário médio em 31/12 – por setor de atividade econômica



TEMA: O TRABALHADOR GOIANO



Os serviços industriais de utilidade pública (envolvem saneamento básico, geração e distribuição de energia elétrica, por exemplo) empregam apenas 0,71% dos trabalhadores goianos. Os homens são maioria com 8.283 postos preenchidos (80,80%) contra 1.968 ocupados por mulheres (19,20%). Este é o setor com maior média salarial: R\$ 4.239,61. Este valor chega a ser quase três vezes maior que a média estadual. Por conseguinte, este setor detém a maior média de tempo de emprego registrada (136 meses contra 17 meses da construção civil e 32 meses do setor de comércio) e também a maior média etária: o trabalhador dos serviços industriais de utilidade pública tem em média 43,3 anos de idade.

Tabela 02 - Média salarial, idade média, média do tempo de emprego e percentual dos trabalhadores por setor - Goiás - 2012

Setores	Remuneração média (R\$)	Idade média (anos)	Média do tempo de emprego (meses)	Percentual dos trabalhadores
Extrativa mineral	3.253,41	36	49	0,64%
Indústria de transformação	1.453,42	33	32	16,43%
Serviços industriais de utilidade pública	4.239,61	43	136	0,71%
Construção Civil	1.520,14	36	17	6,34%
Comércio	1.402,35	31	32	19,49%
Serviços	1.525,60	35	43	28,51%
Administração Pública	2.597,00	43	128	21,84%
Agropecuária, extração vegetal, caça e pesca	1.307,08	37	33	6,04%
Total	1.704,53	36	56	100,00%

Fonte: RAIS/Ministério do Trabalho

Elaboração: Instituto Mauro Borges de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos / SEGPLAN / Governo de Goiás.

TEMA: O TRABALHADOR GOIANO

Por fim, o setor que menos emprega em Goiás é o da extração mineral. São 9.224 trabalhadores (90,99% homens e 9,01% mulheres) o que representa 0,64% dos trabalhadores formais de Goiás. Em média o trabalhador da extração mineral recebe R\$ 3.253,41 mensais – a segunda maior média salarial por setor em Goiás. Os trabalhadores possuem em média 35,6 anos de idade. Quanto à média de tempo de emprego, esta registrou, em 2012, 49 meses, pouco menor que a média estadual.

Considerações Finais

No universo jurídico muitas são as conquistas dos trabalhadores. Mas os desafios práticos ainda são grandes. Apesar da significativa redução na taxa de desocupação em Goiás, que era de 12,23% no ano 2000 e chegou a 4,78% em 2012, quase 10% da população ativa na faixa de 18 a 24 anos permanece desocupada.

O trabalhador ainda está entrando cedo no mercado de trabalho, no grupo etário de 25 a 34 anos cerca de 32% dos pesquisados começaram a trabalhar entre 10 e 14 anos de idade, comprometendo seus anos de estudo. O desafio é retardar a entrada do trabalhador no mercado de trabalho evitando que crianças e adolescentes sejam inseridos em idade escolar, investir em qualificação técnica e profissional, reconhecer e valorizar a escolaridade no âmbito profissional.

Por fim, faz-se necessário ainda desenvolver o sistema de transportes para que o tempo gasto na locomoção para o trabalho não atinja níveis de estados como São Paulo. Em Goiás quase 10% dos trabalhadores precisam de até duas horas para chegar ao trabalho, e a tendência tem sido de elevação deste tempo.